



# Correio Pastoral

Cón. Luís Alberto

## Fim ou Finalidade

11/11/2022

Amigos:

Não estava nos meus planos voltar a escrever-vos agora.  
Mas pediram-me num grupo de whatsapp que ajudasse a compreender o evangelho de hoje e, por isso, resolvi partilhar com todos.

Sabemos que a nossa vida há-de terminar um dia.

Mas, na maior parte das vezes, não pensamos muito nisso, e, quase me atrevo a dizer, vivemos como se isso não fosse verdade:

*"Como sucedeu nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do homem: Comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca.*

*Então veio o dilúvio, que os fez perecer a todos.*

*Do mesmo modo sucedeu nos dias de Lot: Comiam e bebiam, compravam e vendiam, plantavam e construam.*

*Mas no dia em que Lot saiu de Sodoma, Deus mandou do céu uma chuva de fogo e enxofre, que os fez perecer a todos".*

Normalmente, só tomamos consciência de que a nossa vida terminará um dia quando há algum acontecimento particularmente marcante,

que nos revela a nossa fragilidade, nos obriga a pensar nisso:

a morte de um amigo ou familiar, alguma doença grave, algum imprevisto particularmente incapacitante e limitativo do nosso dia-a-dia,

a perda das nossas capacidades (visuais, auditivas, motoras, memória, capacidade de trabalho...)

Estamos a aproximarmo-nos do fim do ano litúrgico e, naturalmente (porque o ano litúrgico celebra simbolicamente a totalidade da nossa vida)

a Palavra de Deus coloca diante de nós a perspectiva do termo da nossa vida.

Numa linguagem apocalíptica que, num primeiro momento, pode parecer aterradora.

Embora, literalmente, haja um conjunto de afirmações que podem ser por nós mal entendidas, a ideia não é essa.

A ideia é unicamente ajudar-nos a tomar consciência do carácter efémero (não tem nada de negativo!) da nossa condição humana,

obrigando-nos a olhar a nossa vida não como uma vida que acaba,

mas antes como um caminho, que tem aqui, nesta existência terrena, uma etapa essencial e decisiva, determinante do todo da nossa vida, mas que só atinge a sua plenitude no fim dos tempos.

A perspectiva do fim não é para nos fazer pensar no fim da vida.

A perspectiva do fim é para nos fazer pensar na finalidade da nossa vida.

A morte dói.

E, se calhar, às vezes é muito difícil ver para além dela.

Mas é essa a verdade da vida que somos chamados a ver pela fé!

Se olharmos para o fim da nossa vida como sendo simplesmente o terminar de algo que acaba,

se virmos nesse fim apenas o termo da nossa existência terrena, sem qualquer horizonte de futuro que se estenda para além dela,

então é natural que fiquemos deprimidos só de pensar nisso.

Ou então que nos anestesiemos para não pensar muito nisso e adoptar a lógica do "*carpe diem*"

(viver o presente, explorá-lo ao máximo, como se não houvesse amanhã e nada mais importasse).

Mas a nossa compreensão da vida é outra.

Já São Paulo escrevia aos Tessalonicenses, anunciando a certeza da ressurreição, para que, diante da morte, dizia ele,

*"não se constistarem como os outros que não têm esperança"*.

E São Paulo acrescenta que a razão de ser da esperança, com que ele convida os cristãos a quem escreve a enfrentar a morte, não é apenas a certeza da eternidade.

Porque a eternidade pode ser um tormento, se for vazia...

(à semelhança dos momentos de dor que vamos vivendo hoje e que parece que nunca mais passam...).

A razão maior dessa esperança é a alegria de saber que "*estaremos sempre com o Senhor!*"

É claro que a morte só pode ser encarada desta maneira por aquele que já hoje descobriu e fez sua a vida de Jesus,

aquele que, já hoje, faz do estar com Jesus a sua maior alegria!

Quando os discípulos lhe perguntam: "*onde será isto*", Jesus responde com clareza,

dizendo que é hoje, no aqui e agora da vida de cada um de nós: "*Onde estiver o corpo, aí se juntarão os abutres*".

E a diferença maior não estará nunca sobretudo no que estivermos ou não a fazer.

Mas sempre na maneira como o fazemos, no sentido que lhe damos:

*"nessa noite, estarão dois num leito: um será tomado e o outro deixado; estarão duas mulheres a moer juntamente: uma será tomada e a outra deixada"*

O sentido que marca a diferença e dá uma perspectiva completamente nova à nossa existência

é a capacidade de chamar Deus para tudo o que fazemos e somos!

Tudo se resume a viver ou não a vida com Jesus:

E esta é uma decisão do presente, de hoje.

Que marca decisivamente o nosso futuro!

E não há lugar para voltar para trás, para viver no passado, como a mulher de Lot, que olhou para trás, certamente com alguma saudade do que deixava, e que, por isso, ficou transformada numa estátua de sal.

Porque aquele que um dia se encontrou de verdade com Jesus, aquele que aprende a fazer de Jesus o sol da sua vida, o centro do seu coração, não mais tem olhos para mais nada!

Por isso nos diz Jesus: "*Quem estiver no terraço e tiver coisas em casa não desça para as tirar;*

*e quem estiver no campo não volte atrás. Lembrai-vos da mulher de Lot*".

Porque quem quiser salvar a sua vida, tal como a entende e a vê, e não como Deus a vê, na verdade do que ela é,

acaba sempre por vê-la esvair-se entre os seus próprios dedos.

Só quem aceita morrer para si próprio para ganhar o olhar de Deus sobre a Vida é que a ganha para sempre, porque a respeita sua verdade, que é a de ser dom:

*"Quem procurar salvar a vida há-de perdê-la e quem a perder há-de salvá-la"*.

Na linguagem do evangelho é Deus que faz vir o dilúvio, que faz chover fogo e enxofre...

É uma maneira de dizer que a Vida, por mais que queira dar-se, não pode fazê-lo se não a quisermos a receber...

Somos nós que voltamos as costas a Deus.

E quando o fazemos, quando escolhemos viver sem Ele, escolhemos a Morte, e Ele fica impotente: é o preço da nossa liberdade...

Mas a grande Boa Nova é que Deus nunca desiste de nós!

E nunca faz contas ao passado!

E é sempre possível encetar o caminho que leva a Ele.

É por isso que o povo tem razão quando diz que "*enquanto há vida, há esperança*"

Abraço amigo!